

Lugares de enunciação: uma análise de relatos de sujeitos autorreferenciados gordos

Enunciation places: an analysis of testimonies of self-referenced fat subjects

Virgínia Barbosa Lucena Caetano¹
Luciana Iost Vinhas²

Resumo: Com base na Análise de Discurso materialista, o presente estudo, ao analisar relatos publicados em um blog, faz trabalhar os efeitos de sentido que emergem a partir de depoimentos de sujeitos autorreferenciados gordos, os quais ganham um espaço de enunciação a partir da plataforma virtual Tumblr. Para fins de análise, foram selecionadas duas sequências discursivas recortadas de dois dos relatos disponíveis no referido blog. Nosso gesto de interpretação traz o elemento do excesso (ERNST, 2009) do discurso do outro como sintoma da falta de o sujeito gordo reconhecer para si um lugar de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 1999; 2017). Esta falta subjetiva está diretamente relacionada aos imaginários de normalidade, colocados em circulação pelo discurso médico, que, sob o efeito de neutralidade e legitimidade da ciência, produz a evidência de que o corpo gordo é um corpo inquestionavelmente doente e que deve ser eliminado. A partir da análise, podemos perceber que o sujeito gordo, embora resista, não consegue se desfazer das determinações da ideologia dominante e encontrar para si um lugar em outra formação discursiva.

Palavras-chave: Subjetividade. Lugar enunciativo. Corpo. Gordofobia.

Abstract: Based on the Discourse Analysis Theory proposed by Michel Pêcheux, the present study aims to discuss the sense effects that emerge from the narratives created by overweight subjects. This objective will be achieved through the analysis of narratives that were published on a blog, and they get an enunciation space on the virtual platform called Tumblr. For the purposes of the analysis, two discursive sequences were selected; these sequences were cut from two of the testimonies published on the blog. Our gesture of interpretation brings the element of excess (ERNST, 2009) of the discourse of the other as a symptom of the lack of his/her own place of enunciation (ZOPPI-FONTANA, 1999; 2017) by the overweight subject. This subjective lack is directly related to imaginaries of normality, which are put into circulation by the medical discourse. This discourse, under the effect of neutrality and legitimacy of the science, produces the evidence that the fat body is an unquestionably sick body and that it must be eliminated. Based on the analysis, we can see that the fat subject, although resisting, is unable to undo the determinations of the dominant ideology and find for themselves a place in another discursive formation.

Keywords: Subjectivity. Enunciation place. Body. Fatophobia.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: vicaetano24@gmail.com.

² Universidade Federal de Pelotas, Centro de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, Brasil. Endereço eletrônico: lucianavinhas@gmail.com.

Primeiras considerações

As relações estabelecidas na contemporaneidade proporcionam diferentes maneiras de os sujeitos manifestarem seus anseios, suas inquietações. As redes sociais online, através de plataformas digitais, criaram um ambiente propício para o surgimento de variados lugares de enunciação, sendo que essa nova configuração proporciona a visibilidade de grupos antes mantidos silenciados, recalcados, por representarem posições não-dominantes na nossa formação social. Dentre esses grupos, destacamos os compostos por sujeitos que não se encaixam nos padrões estéticos naturalizados como ideais: os sujeitos gordos.

A imagem corporal assume uma relevância tão grande nas relações sociais que pode configurar-se em um fator de discriminação e exclusão social. Isso costuma acontecer quando se está fora do padrão estético imposto socialmente. As representações de beleza e de saúde veiculadas pela mídia alimentam os estereótipos de corpo perfeito e impõem configurações corporais muitas vezes impossíveis de serem alcançadas pelos corpos não normatizados. O resultado disso é uma busca incessante em adequar-se ao padrão considerado belo e saudável, e, por consequência, a estigmatização e marginalização dos sujeitos cujos corpos não se formatam aos ideais estabelecidos.

Nesse contexto, os sujeitos gordos compõem um dos grupos mais afetados pela ditadura estética. Ao valorizar a magreza, a sociedade transforma a gordura em um símbolo de derrota moral e o sujeito gordo passa a ser visto como negligente, preguiçoso, aquele que não tem capacidade de se transformar. Frente à norma social, o corpo gordo passa a ser um corpo desviante, indesejável, e, por vezes, desumanizado (VIGARELLO, 2012).

No presente estudo, analisaremos discursos que circulam em um desses espaços produzidos através das redes sociais online. Com base na Análise de Discurso materialista (AD), buscamos compreender os efeitos de sentido que emergem a partir do depoimento de sujeitos autorreferenciados gordos, publicados em um blog intitulado “Não tem Cabimento”³. Situamos aqui uma diferença importante de ser estabelecida: ao designarmos esses sujeitos como *autorreferenciados* gordos, assumimos a impossibilidade de saber se tais sujeitos podem ou não ser considerados gordos em seu aspecto fisiológico. Partimos da designação apresentada para apontar o imaginário de si, ou seja, entendemos que, quando esses sujeitos se identificam como gordos, pouco importa se, de acordo com os padrões de índice de massa corporal (IMC), são efetivamente gordos ou não. Essa identificação ultrapassa os limites fisiológicos e alcança a determinação ideológica: se o sujeito se representa como gordo, há, aí, a interferência da

³ Disponível em: <https://mulhergorda.tumblr.com/>. Acesso em: 31 out. 2018.

ideologia na forma como se autorrepresenta. Trata-se de um processo de autodeterminação constituído imaginariamente e, portanto, operado de acordo com a forma como o sujeito se constitui ideologicamente. Prova disso é que há aqueles com IMC baixo e se consideram gordos, ao passo que existem outros que se consideram magros com IMC alto. Feita essa distinção, para fins de evitar a repetição, passaremos a designá-los como *sujeitos gordos*.

Na seção seguinte, vamos apresentar o desenvolvimento teórico-analítico do trabalho, explicando como foram resgatados os depoimentos desses sujeitos das redes sociais online e oferecendo um olhar investigativo à determinação ideológica na forma como o sujeito gordo se subjetiva.

O processo de descrição e interpretação do *corpus*

Para dar início ao processo de descrição e interpretação do *corpus*, precisamos falar sobre o blog no qual foram recolhidos os depoimentos dos sujeitos cujos relatos estão sob análise. O blog “Não tem Cabimento”, desenvolvido por uma blogueira que se autodesigna Mulher Gorda, reúne, na rede social Tumblr, 54 depoimentos de sujeitos que relatam situações de gordofobia pelas quais passaram durante a vida. De forma geral, os relatos tratam da relação que estabelecem com seus próprios corpos e com a pressão social que sofrem para modificá-los.

Antes de trazer alguns elementos advindos do dispositivo teórico-analítico da AD, abordaremos brevemente como conceituamos o corpo a partir dos efeitos da Psicanálise e do Materialismo Histórico na teoria. Assim, chamamos Ferreira (2011, p. 95), para quem o corpo deve ser considerado como “*materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva*” [grifos da autora]. É assim que a autora designa o corpo como *corpo discursivo* no interior do dispositivo da AD, diferenciando-o, desse modo, do corpo empírico, biológico, orgânico.

Na mesma esteira, consideraremos a reflexão de Vinhas (2014) como pertinente ao trabalho que aqui se desenvolve. A autora trabalha a noção de *corpolingüagem discursivo* ancorada no pressuposto de que essa noção, referente à subjetividade, articula corpo, linguagem e discurso. Assim, é possível afirmar que o corpo não funciona somente como materialidade do sujeito, mas, também, o corpo é o próprio sujeito, pois a Psicanálise garante o vínculo entre o somático e o psíquico que constitui a subjetividade.

Dando continuidade à nossa reflexão, partimos para a apresentação de algumas noções advindas do dispositivo teórico-analítico da AD que serão mobilizadas, tais como a noção de lugar enunciativo, proposta por Zoppi-Fontana (1999), conforme será apresentada mais tarde.

No eixo da formulação (intradiscurso), conseguimos acessar diferentes materialidades que colocam em circulação saberes advindos do interdiscurso. No processo de retomada dos saberes, organizados em formações discursivas, os sujeitos não conseguem fugir da contradição que lhes é constitutiva, posto que a subjetivação se dá através da identificação dos sujeitos com formações discursivas, as quais são determinadas pelo discurso-outro. O que chama a atenção no *corpus* aqui analisado é a linearização do discurso-outro via, principalmente, discurso direto, o que garante a heterogeneidade do texto e a constituição do sentido em um processo instável e determinado pelo jogo político das formações discursivas.

O dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso apresenta ferramentas importantes para compreender como se dá o processo de constituição dos sentidos e dos sujeitos. Esse duplo fazer da teoria acolhe, portanto, saberes que advém de diferentes regiões do conhecimento humano. É isso que faz com que a AD seja entendida como uma teoria vinculada aos Estudos da Linguagem que admite em sua constituição epistemológica áreas diferentes, pois, como nos dizem Pêcheux e Fuchs (1997), a AD se funda no Materialismo Histórico, na Linguística, na Teoria do Discurso e na Psicanálise. É a teoria da subjetividade de natureza psicanalítica que traz os elementos necessários para se compreender que o processo de interpelação ideológica se dá marcado pelo significante, cujo funcionamento se ancora no inconsciente.

Com base nisso, é possível afirmar que não existe identificação com a ideologia dominante sem a atuação do registro imaginário. O processo de atribuição a si daquilo que vem de outro lugar, do interdiscurso, ocorre de forma imaginária, sem o controle do sujeito, através da identificação com saberes oriundos de uma região do interdiscurso. Esse é o processo de interpelação ideológica, do qual o sujeito não foge e ao qual não consegue resistir. Quando o sujeito diz “Eu sou gordo”, está se identificando com uma formação discursiva que lhe fornece os sentidos de o que significa ser gordo em determinada formação social, sob certas condições de produção do discurso. É possível, então, colocar em circulação tal enunciado tendo-se como cenário determinada ideologia sob certas condições.

É esse o efeito do funcionamento das formações discursivas no processo de interpelação ideológica. Sendo recorrentemente compreendidas como *recortes do interdiscurso* na literatura da área, o conceito de formação discursiva contempla, conforme Pêcheux e Fuchs (1997, p. 166-167), “aquilo que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”. Apesar de aparentemente fechada, a formação discursiva, assim como o próprio sujeito, só existe pela alteridade, isto é, ela tem sua existência condicionada à presença

do discurso-outro, do discurso advindo de outra formação discursiva. É por isso que a contradição é fundamental na AD, pois não se considera que o processo de interpelação ideológica, via formação discursiva, ocorra de forma plena, pois o efeito do funcionamento de outra formação discursiva pode fazer com que a identificação falhe.

É nesse ponto, então, que precisamos falar brevemente sobre a noção de imaginário na teoria. Podemos compreender o imaginário a partir de duas perspectivas: como um dos registros da estrutura psíquica, em virtude da natureza psicanalítica do sujeito, e, também, como algo que advém do social, devido à forma histórica da ideologia na formação social. Essas duas acepções convivem na enunciação, já que o sujeito, em seu desejo de completude, busca construir-se como autônomo, esquecendo sua constituição psíquica e ideológica (SILVA, 2012).

A ideologia tem um funcionamento imaginário, pois o sujeito se reconhece como origem dos sentidos, não tomando consciência do processo de interpelação ideológica a que é submetido. Dizer que tal processo é imaginário implica, então, a identificação do sujeito com uma formação discursiva, e essa identificação permite que o sujeito se autorrepresente como gordo, sendo possível, a partir da formação discursiva com a qual se identifica, enunciar dessa forma.

Para fazer trabalhar as questões aqui levantadas, tratando especialmente da forma como o sujeito gordo se representa a partir da determinação ideológica e do lugar enunciativo por ele ocupado (conforme será discutido a seguir), trazemos duas sequências discursivas de referência (SD) recortadas do arquivo composto pelos 54 relatos acima mencionados. Num primeiro movimento de aproximação ao *corpus*, percebemos a recorrência de elementos materialmente marcados, e, dentre eles, destacamos o discurso relatado. Vale observar, então, que, entre os principais elementos apontados nos discursos em análise, destacamos o excesso de retomadas de discursos de outros sujeitos-falantes, como nos indica a sequência discursiva 1 (SD1), exposta em (01).

(01) Primeira sequência discursiva que constitui o *corpus*.

(SD1R1)⁴ *Eu sempre tive que lidar com questões sobre o meu peso. Literalmente, desde bebê. “Já nasceu socadinha” dizia minha avó. “Fez dieta desde os 7 meses de vida” se desculpava minha mãe. “Assim, não vai arrumar namorado” avisava meu pai. “Olha fulana,*

⁴ Como as sequências analisadas no presente trabalho foram recortadas de dois relatos diferentes, utilizaremos a seguinte sistematização: SD1 e SD2 indicarão as sequências analisadas; R1 e R2 os diferentes relatos de onde foram extraídas.

“você quer ser como ela? Sempre tá sozinha” alertavam todos os “preocupados” com a minha vida sexual.

O excesso é aqui compreendido a partir de Ernst (2009), para quem esse conceito, de natureza operacional, pode auxiliar o analista na identificação de pontos de encontro entre língua, ideologia e inconsciente. Tal estratégia discursiva se caracteriza, de acordo com a autora, por aquilo que se apresenta em demasia no discurso. Podemos perceber, na SD1, que o sujeito, ao tentar externar a relação conflituosa que estabelece com questões relativas ao seu corpo, retoma diversos enunciados de sujeitos-falantes que fazem parte do seu convívio social. Em nossa análise, compreendemos que esse excesso de retomadas de discursos do outro⁵ pode apontar para o sintoma de uma falta: a falta de o sujeito gordo reconhecer para si um lugar de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 1999; 2017).

Na SD1, o relato traz enunciados colocados em circulação por diferentes participantes da vida desse sujeito: avó, mãe, pai, pessoas “preocupadas” com sua vida sexual. É através do emprego das aspas, em um funcionamento de discurso relatado, o qual evoca a noção de heterogeneidade mostrada proposta por Authier-Revuz (2004), que podemos compreender que a autora do relato traz para a sua narrativa a presença da fala do outro. É com base naquilo que é dito pelo outro que o sujeito pode enunciar; é com base na forma como o outro a representa que a autora se reconhece como gorda. Dizer, em um parágrafo de depoimento, que o excesso de peso sempre foi reconhecido pelo outro ao longo de toda a sua vida tem efeitos na forma como ela se subjetiva, pois se reconhece a partir do avesso daquilo que é reconhecido como corpo possível na formação social. O corpo gordo, impossível a partir da ideologia dominante, reproduzida pelos enunciados daqueles a partir dos quais ela se reconhece como sujeito, é naturalizado para si como aquilo que não se pode ser/ter.

“Já nasceu socadinha”; “Fez dieta desde os 7 meses de vida”; “Assim, não vai arrumar namorado”; e “Olha fulana, você quer ser como ela? Sempre tá sozinha” são enunciados que são possíveis de serem ditos a partir da ideologia dominante, reproduzida tanto pelo discurso médico quanto pelo discurso midiático. A identificação do sujeito-enunciador se encontra determinada por esses enunciados, posto que, para poder enunciar, procura neles legitimação.

⁵ Operaremos uma distinção entre *discurso-outro* e o que chamaremos de *discurso do outro*. Compreendemos por *discurso-outro*, conforme Indursky (2013), o discurso advindo de uma formação discursiva diferente ou de uma posição-sujeito diferente no interior da formação discursiva pela qual o sujeito é interpelado. *Discurso do outro*, por sua vez, é a designação que utilizaremos para nos referir aos excertos de falas de outros sujeitos, retomadas, pelo sujeito enunciatador, no fio do discurso.

Não consegue se desvincular deles para enunciar de um lugar próprio⁶. É por isso que a noção de lugar enunciativo se torna produtiva para esta discussão, conforme apresentamos a seguir.

Zoppi-Fontana (1999) compreende os lugares de enunciação como uma dimensão das posições-sujeito, que fazem parte do processo de constituição do sujeito do discurso, relacionadas às demandas políticas que envolvem a prática discursiva. Através desse conceito, a autora busca refletir sobre uma dupla problemática: “a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade” (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 16). Os lugares de enunciação, tanto pela presença quanto pela ausência, configuram um modo de dizer afetados, diretamente, pelos processos históricos de silenciamento (ZOPPI-FONTANA, 2017). A partir da segunda sequência discursiva analisada (SD2), podemos refletir sobre essas questões, conforme exposta em (02).

(02) Segunda sequência discursiva que constitui o *corpus*.

(SD2R2) [...] *eu disse que não quero mais tentar aceitar o meu corpo pq mais ninguém aceita, pq ninguém faz roupa para mim, pq eu não tenho lugar de fala. meu grito sobre gordofobia sempre é silenciado.*

Na SD2, o sujeito, para colocar em circulação sua insatisfação com a disputa política pelo efeito de legitimidade dos discursos sobre o corpo gordo, utiliza a expressão *lugar de fala*. Tal expressão, popularizada, principalmente, por ativistas de diferentes movimentos sociais, advém de um campo teórico que engloba teorias Feministas e teoria Queer. Do ponto de vista teórico, há algumas barreiras que tornam inconsistente a articulação do conceito de lugar de fala com o quadro conceitual da AD⁷. Nesse ponto, Zoppi-Fontana (2017) propõe a utilização

⁶ O presente trabalho é efeito de uma seleção operada sobre uma pesquisa maior (CAETANO, 2019), na qual foram analisados diferentes relatos de sujeitos autorreferenciados gordos, observando-se o funcionamento discursivo aqui descrito. Para esta reflexão, considerando a especificidade do dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso, realizamos recortes nos relatos do arquivo ao observarmos determinadas marcas linguísticas que apontam para um funcionamento discursivo específico, conforme trabalhado nas análises. Assim, através do excesso do discurso-outro, é possível perceber a incompletude do sujeito e a impossibilidade de se encontrar um lugar para si.

⁷ Compreendemos aqui lugar de fala conforme sistematizado por Ribeiro (2017), lugar discursivo pelo qual sujeitos subalternizados reivindicam sua existência. A tensão existente entre a concepção epistemológica de sujeito pressuposta na noção de *lugar de fala* – sujeito consciente, que estabelece uma relação essencialista com seu dizer – e a noção de sujeito trabalhada no âmbito da Análise de discurso – sujeito do Inconsciente, com base na Psicanálise freudo-laciana – torna incoerente a incorporação do conceito de lugar de fala ao dispositivo de interpretação aqui exposto. Em razão disso, optamos pela saída proposta por Zoppi-Fontana (2017): a utilização da noção de *lugar enunciativo* para discutir os efeitos de legitimidade produzidos a partir de um discurso em relação ao lugar ocupado pelo sujeito que o enuncia.

da noção de lugar enunciativo. Essa noção, portanto, abarcaria a disputa política pelos sentidos, articulada a lugares discursivos legitimados socialmente.

Se pensarmos nos discursos sobre o corpo gordo, o lugar enunciativo que produz um efeito de verdade e credibilidade é o lugar assumido, em geral, pelos profissionais da saúde, tanto no espaço médico-clínico quanto no espaço midiático. A ciência médica configura um modo de dizer, afetado por processos históricos, que legitima sentidos sobre o corpo gordo – como um corpo doente, que precisa ser tratado, medicado, modificado – que alimentam um imaginário negativo em relação a essa configuração corporal.

O discurso médico, a partir do seu lugar legitimado, impõe definições de normalidade, que produzem evidências consideradas socialmente como verdades hegemônicas. Ao impor regras sobre alimentação, higiene, sexo etc. e transformar tudo o que foge à norma em patológico, o discurso médico-clínico age como uma ferramenta de controle social. Todos os problemas que envolvem os corpos dos sujeitos, nessa perspectiva, passam a ser vistos como distúrbios, disfunções, patologias. Assim, a medicina comanda e exerce domínio sobre a vida das pessoas por meio do consumo de medicamentos, técnicas e terapias legitimados por um racionalismo científico.

É preciso levar em consideração também o papel da mídia na disseminação de imaginários negativos sobre o corpo gordo. Apoiada no discurso médico-clínico do padrão de corpo saudável, a mídia constrói e apresenta à sociedade um ideal de corpo perfeito a ser seguido, ideal esse que promove um processo de mercantilização da relação dos sujeitos com seus corpos. Nesse contexto, o sujeito gordo é completamente negado e silenciado. Nas poucas vezes em que a mídia coloca em circulação alguma representação do corpo gordo, é sob o estereótipo do “gordo cômico”, que compensa o fato de ter um corpo fora do padrão sendo “bem humorado”, ou para efeito de contraste ao corpo magro em peças publicitárias nas quais, em geral, o corpo gordo assume o lugar do mau exemplo, do feio, do deforme, que precisa ser modificado com urgência.

Diferente de outras lutas sociais como a luta contra o racismo e a homofobia, nas quais há um lugar enunciativo assumido pelos sujeitos que são alvos desses preconceitos, dando força aos sentidos mobilizados e produzindo efeitos de legitimidade a seus discursos, no caso da luta contra a gordofobia não há o reconhecimento de um lugar enunciativo assumido pelo sujeito gordo que legitime sua fala. Podemos perceber isso a partir do depoimento do sujeito da SD2, através do enunciado “meu grito sobre gordofobia sempre é silenciado”. Na disputa política pelos sentidos, o discurso médico sobre o corpo gordo é dominante, legitimando uma imagem

do sujeito gordo como doente, incapaz, e, assim, deslegitimando qualquer discurso que parta desse sujeito e que questione essas evidências.

Podemos pensar o excesso de retomadas dos discursos de outros sujeitos-enunciadores, já apontados na SD1, como um efeito dessa ausência de um lugar enunciativo para o sujeito gordo. Já que o discurso dominante sobre o corpo gordo é o discurso do outro, o sujeito, na forma como se subjetiva, não consegue encontrar um lugar de identificação, e acaba se determinando a partir da imagem que o outro constrói sobre si. A incorporação em si daquilo que ele não é se marca na materialidade linguística de diferentes maneiras. Na segunda sequência, por exemplo, a presença da negação (“não quero mais tentar aceitar o meu corpo” e “eu não tenho lugar de fala”), acompanhada do emprego do pronome indefinido “ninguém” (“mais ninguém aceita [o meu corpo]” e “ninguém faz roupa para mim”) trazem, no corpo do texto, a negação do próprio corpo a partir da imagem que o sujeito gordo tem do imaginário do outro. A negação e o pronome indefinido, então, operam discursivamente como marcas do excesso do outro na subjetivação, não se encontrando, portanto, lugar enunciativo próprio. Esse é mais um dos efeitos do funcionamento da ideologia: a impossibilidade de resistir frente ao excesso do outro-dominante.

Considerações finais

As análises desenvolvidas a partir dos dois recortes selecionados do arquivo, o qual foi composto pelos depoimentos do blog “Não tem Cabimento”, trazem elementos importantes para se discutir os efeitos do discurso dominante, que aqui ganha existência material através do discurso relatado incorporado nos depoimentos, na forma como o sujeito se relaciona com a formação discursiva que o interpela, a saber, a formação discursiva dominante. O sujeito se reconhece como gordo e se subjetiva a partir desse reconhecimento, como se o corpo gordo fosse um corpo não permitido na formação social atual, através da dominação médica e midiática.

Essa impossibilidade de ser gordo/ter um corpo gordo marca, então, uma impossibilidade subjetiva: há algo que o sujeito não pode ser, com o qual o sujeito não pode e não deve se identificar. Essa impossibilidade, ao mesmo tempo que constitui o sujeito o determinando, marca, também, a impossibilidade de ele ser o que deveria ser, pois o corpo não o permite. Ao ser o corpo e ter um corpo, não se pode ser o que a determinação ideológica dominante prevê. Enquanto a identificação o convoca ao dominante, o corpo o convoca ao dominado no jogo de forças da interpelação ideológica. Nessa contradição, o sujeito não encontra lugar de enunciação, o que amarra sua estrutura subjetiva à determinação dominante.

Sendo assim, a previsão da ideologia dominante se mantém; o “cabo de guerra” da ideologia elimina o mais fraco e, apesar de reconhecer o perigo da identificação com a formação discursiva dominante, não consegue dela se desfazer. Existe, então, contraidentificação, ou seja, o sujeito questiona os saberes que o determinam, mas a resistência não ultrapassa a barreira do outro para que encontre lugar para si em outra formação discursiva. É com base em todas essas considerações em torno do funcionamento da subjetivação que o corpo também deve ser compreendido como parte da subjetividade, sendo necessário, então, considerar o sujeito como *corpolingagem discursivo*.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p.11-80.
- CAETANO, V. B. L. *Não tem Cabimento*: Corpo e Subjetividade no discurso de sujeito gordos. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- ERNST, A. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2009, 4, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 28 maio 2018.
- FERREIRA, M. C. L. O discurso do corpo. In: MITTMANN, S.; SANSEVERINO, A. M. V. (Orgs.). **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2011.
- INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.
- SILVA, R. S. da. **Tempo na Análise de Discurso**: implicações no imaginário do trabalhador do discurso sindical da CUT. Curitiba: CRV, 2012.
- VIGARELLO, G. **As metamorfoses do gordo**: história da obesidade no ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2012

VINHAS, L. I. **Discurso, corpo e linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. 303 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

ZOPPI-FONTANA, M. Lugares de enunciação e discurso. **LEITURA** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Maceió, v. 23, p. 15-24, jan./jun, 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. “Lugar de fala”: Enunciação, Subjetivação, Resistência. **Conexão Letras** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 12, n. 18, p. 68-71, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/79457/46458>. Acesso em: 28 maio 2018.

Sobre as autoras

Virgínia Barbosa Lucena Caetano (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5513-0601>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel); mestra em Letras pela UFPel; licenciada em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus Jaguarão. É tutora UAB do curso de Licenciatura em Letras - Português EaD na UNIPAMPA.

Luciana Iost Vinhas (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-1026-2277>)

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); mestra em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel); graduada em Letras - Português/Inglês pela mesma instituição. É professora no Centro de Letras e Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em outubro de 2020.